

Sílvia Bragança

Artista plástica nascida em 1937, Sílvيا Bragança é viúva de Aquino Bragança, falecido a 19 de Outubro de 1986, em Mbuzini, no trágico despenho do avião que também vitimou Samora Machel.

As pessoas que viveram e trabalharam com Aquino de Bragança estão hoje na agenda da Sílvia, por um lado porque sujeitas a entrevistas e colecta de depoimentos, e por outro, porque académicos, intelectuais, políticos, pesquisadores e investigadores, mostram-se compungidas a corroborarem o sentimento criativo da Sílvia que aponta para a elaboração de um livro sobre a vida e obra de Aquino de Bragança.

Depois de um primeiro depoimento cedido voluntariamente em 1987, pelo Angolano, Mário de Andrade, um projecto iniciado em 1995 pelo Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) de Moçambique. O CEA pretende assumir-se responsável pela parte bibliográfica por reconstituir. A Andrade seguiram-se registadas alocações dos Moçambicanos.

Sílvia pretende ainda renovar contactos com quase toda a geração da Argélia, onde estiveram para formação os políticos do proto-nacionalismo africano. Ao texto recolhido de forma viva, depois será acoplado o pacote de dados obtidos por Sílvia pela via de acareações e diálogo com personalidades do mundo que directa e indirectamente trabalharam com Aquino, sobretudo as individualidades ligadas aos movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas em África, ou seja a Frelimo, o MPLA, MLSTP, PAIGC Guiné-Bissau e Cabo Verde e ainda Freltilin de Timor.

E perto de figuras mundialmente reconhecidas, Sílvia enceta missões de obtenção de dados junto dos sul-africanos e dos portugueses de alguma maneira então testemunhas e ou actores de processos ligados à luta pela independência e paz em Moçambique.

Em Portugal, Sílvia opta por rebuscar dados no processo da Torre do Tombo, pois Aquino de Bragança fora perseguido pela Pide (então polícia secreta nos tempos da colonização portuguesa em África) e junto da Fundação Mário Soares.

Naturalmente, que em Moçambique, o Arquivo Histórico, o CEA e o Museu da Revolução são outros espaços cruciais, para a recolha de dados e observação de documentos históricos importantes.

Sílvia lembra que Aquino advogava que sem paz não podia haver desenvolvimento e vice versa. Daí a necessidade que havia de se mudar de mentalidade e se colocarem as pessoas a repensar no seu futuro e no estatuto do seu papel no quadro mais geral de desempenho na economia, e não de pura sujeição a quaisquer que seja as políticas, as influências e os poderes internacionais que nem sempre favorecem o real crescimento dos países em construção.

Aquino realçava como positiva e indicadora de globalização africana a experiência da Linha Frente, que agregava Angola, Botswana, Moçambique, Tanzania,



e Zâmbia, e que depois no ano de 1980 serve de base para a criação da SADCC incorporando o Zimbabwe, Malawi, Lesotho, Swazilândia e antigo Zaire.

A visão de Aquino, segundo Sílvia Bragança, aparece como uma estratégia a encorajar em termos de busca de alianças favoráveis e correctas e propiciam parcerias de progresso sustentado e contínuo no âmbito da cooperação inter-africana e oriental, além da que já existe.

Na pesquisa de dados para a edição de livro sobre Aquino de Bragança, Sílvia conta com o apoio de Luís Filipe Pereira e de Teresa Veloso. A vida de Sílvia está dividida entre Goa, na Índia; e Maputo, em Moçambique; onde chegou a trabalhar no Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE) e contribuiu na elaboração de materiais pedagógicos e didácticos do ensino primário. Também foi professora de Educação Estética.

Em Moçambique, Sílvia é mais reconhecida como pintora; uma artista plástica de dimensão universal.

Sílvia confessa acreditar na Arte por ela ajudar a humanizar cada vez mais as pessoas, tentando trazer de volta o que os dramas e as insensibilidades e os choques do quotidiano moldam em cada um de nós.

As suas fontes pictóricas situam-se entre as comunidades linguísticas significativas; a da Língua Portuguesa; e a das línguas Hindi e Concani, da Índia. Ela reparte-se salutarmente entre dois panoramas etnoculturais de características afro-asiáticas, no contexto de uma complementaridade cultural sempre interessante. Aliás, uma das práticas recorrentes de simbologias indianas radicam-se na Ilha de Moçambique e nas ilhas moçambicanas do oceano Índico.

Sílvia Bragança define-se como uma artista plástica de intervenção que pinta e actua com a poesia contra descomportamentos humanos, reagindo através de configurações de óleos sobre tela, acrílicos, colagens e gráficas, num total de 12 (doze) exposições individuais; e mais de 50 (cinquenta) colectivas; desde que em 1971 expôs pela primeira vez na Sociedade de Estudos, na ex-cidade de Lourenço Marques hoje Maputo.

E a sua pujança criativa, comprova-se pela sua presença na mostra itinerante denominada 'As 177 Mulheres do Mundo' (Women of the World – a global collection of art curated by Claudia De Monte). Essa exposição aberta em Junho de 2000, e que teve o seu apogeu no relançamento em Agosto de 2002 e devendo terminar em Dezembro de 2003. Percorre assim, depois de ter partido de Nova Iorque e Maryland, nos Estados Unidos da América, passado por Canadá, a seguir Estocolmo, na Suécia, e sido agendada para ser visualizada em outros espaços. Nos últimos anos, Sílvia tem participado em colectivas em Goa, Índia.